

Potosí entre o local e o global

Potosi between the local and the global

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i25.56003>

BARRAGÁN, Rossana; ZAGALSKY, Paula C. (Eds), Potosí in the Global Silver Age (16th– 19th Centuries). Leiden; Boston: Brill, 2023.

Felipe Mesquita Antunes

Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0001-6249-7911>

mesquitafelipe95@gmail.com

Resumo

Resenha do livro “Potosí in the Global Silver Age (16th– 19th Centuries)”, organizado por Rossana Barragán e Paula Zagalsky.

Palavras-chave

Potosí; Prata; História Global.

Abstract

Critical review of the book “Potosí in the Global Silver Age (16th– 19th Centuries)”, edited by Rossana Barragán e Paula Zagalsky.

Keywords

Potosi; Silver; Global History.

A centralidade dos metais preciosos para a construção de uma economia efetivamente global a partir da expansão marítima europeia foi e continua sendo um tema de grande destaque na historiografia. No entanto, como advertem Rossana Barragán e Paula Zagalsky, organizadoras de *Potosí in the Global Silver Age (16th– 19th Centuries)*, se os fluxos globais da prata tradicionalmente estão contemplados nas narrativas iniciais de globalização, “os meios complexos pelos quais diferentes recursos são colocados a trabalhar nos centros mineiros de produção (...) não recebem a mesma visibilidade – de alguma maneira ainda se presume que a circulação é global, mas a produção é meramente local”. É com base nessa premissa que procuram justificar a relevância desta nova publicação sobre Potosí no período colonial, a qual teria como um dos seus principais objetivos “reunir produção e circulação, ao mesmo tempo em que sublinha as mudanças ocorridas nos últimos 300 anos, que permitiram importantes mudanças econômicas e a emergência do capitalismo”.¹

Como é comum observar em livros que reúnem trabalhos de vários autores (nesse caso, foram 11 pesquisadores de 7 países diferentes), há uma grande variedade de temas e de perspectivas teórico-metodológicas nos 11 artigos incluídos na publicação. Apesar dessa diversidade, pode-se afirmar que a obra possui como princípio norteador revisitar Potosí a partir de novas pesquisas que fazem uso especialmente de abordagens tributárias da chamada história global em diálogo com outras vertentes como a história econômica, a história social e a história ambiental. Com isso, a outrora Vila Imperial recebe um novo olhar, mais voltado a iluminar temas e atores sociais que não tiveram o devido destaque nos trabalhos clássicos, como o entrelaçamento das relações sociais e da natureza extra-humana, a heterogeneidade dos grupos sociais, as ações e pensamentos de populações subalternas e os diferentes fluxos de recursos, regionais e globais. Elementos que foram cruciais para a constituição de Potosí como uma das primeiras cidades globais.

A organização dos capítulos foi pensada a partir de três eixos temáticos principais: os conhecimentos locais e as inovações técnicas que permitiram mudanças na infraestrutura de Potosí; a agência dos diferentes atores sociais e seus interesses conflitivos; e a articulação entre diferentes espaços. Isso levou a uma divisão dos capítulos em 4 partes, cada uma delas com um enfoque temático. Logo na introdução, que recebeu o subtítulo de *The Age of Silver*,

¹ BARRAGÁN, Rossana; ZAGALSKY, Paula C. (Eds), *Potosí in the Global Silver Age (16th– 19th Centuries)*. Leiden; Boston: Brill, 2023, p. 4-5, tradução nossa.

feita em coautoria pelas organizadoras do livro, temos um panorama da participação de atores de diferentes impérios nos circuitos da prata potosina, acompanhado de um balanço sobre a produção historiográfica em torno da mineração em Potosí e seu impacto mundial, além da tradicional apresentação das partes e dos capítulos. Com esse texto inicial, manifestam a intenção de superar o nacionalismo metodológico, e procuram fazê-lo discutindo brevemente a intervenção de mercadores e piratas nos mercados movidos pela prata, a relevância dos canais clandestinos desse comércio nos séculos XVII e XVIII, especialmente aqueles canalizados para a Ásia, e o papel do comércio transatlântico de escravizados como um meio de conectar os estados a uma série de mercadorias. Apesar de não se aprofundar nos temas, a introdução cumpre bem o papel de oferecer dados e elementos para o leitor dimensionar o peso da produção metálica de Potosí e a variedade de atores locais e internacionais que participavam dos seus circuitos de troca, bem como o de ser um ponto de partida para as discussões que virão na sequência.

A primeira parte transita entre geologia, espaços sagrados e conhecimento técnico. São três capítulos ao todo, cada um deles focando em períodos distintos da história de Potosí. No primeiro, Thérèse Bouysse-Cassagne nos oferece uma discussão instigante sobre os conhecimentos e as cosmovisões relacionadas ao Cerro Rico oriundas do período pré-hispânico. A autora indica que a montanha já era conhecida e explorada desde o ano 1000 d.C. e mostra como ela estava associada às crenças nas divindades cultuadas pelos povos andinos, mesmo antes da formação do império inca. Particularmente, há uma sugestão de que o Cerro Rico estava relacionado ao culto do deus Sol, que era concomitante à adoração de divindades felinas. Essas crenças e práticas religiosas teriam surgido no período Tiwanaku e continuado no período incaico, principalmente com o grupo dos *Collas*. O capítulo ainda observa a persistência desse culto no período colonial, ao menos até 1632, quando se intensificaram as ações da coroa para eliminar o que viam como idolatrias. Na sequência, Heidi Scott trabalha com o conceito de geologia política, conforme formulado por Adam Bobbette e Amy Donovan², como uma ferramenta para analisar debates sobre a mineração ocorridos entre os séculos XVI e XVIII. A abordagem consiste em identificar como os conhecimentos geológicos estavam entrelaçados com os domínios da economia, da

² BOBBETTE, Adam; DONOVAN, Amy. "Political Geology: An Introduction." In *Political Geology: Active Stratigraphies and the Making of Life*, edited by Adam Bobbette and Amy Donovan, 1–34. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

política e da moral, que influenciavam os atores sociais envolvidos na administração de minas e nas funções de governo. A estratégia mostra-se profícua ao impedir uma separação estanque entre o conhecimento supostamente técnico e as visões políticas e econômicas defendidas pelos indivíduos. Em vez disso, defende que os conhecimentos sobre a terra e a política poderiam se condicionar mutuamente. No terceiro capítulo, Renée Raphael percorre um caminho semelhante ao focalizar as investigações realizadas pelo visitador Ortiz de Zárate em 1587 e 1588 acerca de métodos de refino que poderiam ter um menor consumo de mercúrio. Sua análise indica que os conhecimentos científicos e técnicos não estavam separados das preocupações políticas, administrativas e legais dos personagens que participaram das investigações. Com isso, advoga por uma leitura dos registros textuais desse tipo de procedimento não como um retrato fiel da cultura técnica do período, mas como uma performance dessa cultura, que buscava estar alinhada ao que era aceito em termos de práticas legais e administrativas para atender a determinados fins políticos.

A segunda seção, que trata com centralidade temas relativos ao trabalho e ao meio ambiente, possui apenas 2 capítulos. O primeiro deles, escrito por Julio Aguilar, é uma importante contribuição sobre a construção da grandiosa infraestrutura hidráulica de Potosí, algo que foi essencial para viabilizar o processamento de minérios em larga escala que ocorria na cidade. Seu estudo nos ajuda a compreender o papel crucial desempenhado pelos conhecimentos indígenas, oriundos de práticas adotadas ainda no período pré-hispânico, e pelo trabalho dos *mitayos*, artesãos e técnicos hidráulicos que atuaram nas construções, assim como os efeitos dessas obras para os diferentes grupos sociais. Aguilar entende que o estudo desse objeto abre uma nova dimensão da história do trabalho em Potosí, pois esses trabalhadores eram parte de um processo complexo de intercâmbio de tecnologias e de conhecimento ambiental. Na sequência, o capítulo de James Almeida volta-se para as condições de trabalho na casa da moeda de Potosí e a luta por “pequenas liberdades” de seus trabalhadores – leia-se: alguns elementos de autodeterminação, como o direito de estabelecer contratos livres e de ter personalidade legal. Ele oferece um panorama da divisão do trabalho no interior da instituição e dos distintos graus de liberdade e direitos que cada trabalhador tinha acesso de acordo com seu estatuto e as negociações que eram realizadas - o que Almeida associa, de maneira questionável, a uma estrutura de mercado, acionada por uma dinâmica de oferta e procura. Ao longo do capítulo, demonstra que não havia uma separação clara entre livres e escravizados naquele ambiente, e que a margem de negociação para alcançar certas liberdades diminuiu sensivelmente na passagem para a segunda metade do século XVII, resultando em

um contexto no qual a fuga e os atos violentos passaram a ser estratégias de resistência mais usadas pelos trabalhadores.

Na terceira seção, entram em cena os fluxos, os diversos produtores e sua agência. Seu primeiro capítulo, de Mariano Bonialian, está centrado nos fluxos oficiais e clandestinos da prata potosina durante o período de auge da sua produção (final do século XVI e início do século XVII). Ele direciona sua análise para as conexões com o México e a China, procurando salientar a importância da rota transpacífica para alçar Potosí à posição de provedor global da prata – e consumidor de produtos asiáticos –, assim como para o processo de consolidação do padrão prata na economia chinesa. Ao mesmo tempo, ele destaca a contribuição chave dos *peruleros*, agentes comerciais peruanos que eram os principais operadores desses circuitos globais (do Atlântico e do Pacífico) pelos quais a prata do Cerro Rico estava fluindo. No capítulo seguinte, Paula Zagalsky adentra no universo dos “mineiros” no período de boom da produção em Potosí, com um texto focado em destrinchar a diversidade interna dos grupos de proprietários e administradores dos engenhos. Inicialmente, há uma discussão sobre o significado de termos como mineiros, soldados, *azogueros*, senhores de minas e engenho. Na sequência, passa-se à análise de algumas listas de administradores e proprietários de minas e engenhos que conseguiram ter acesso aos trabalhadores *mitayos*. Isso permitiu à autora identificar processos de concentração da *mita* nas mãos de poucos senhores e de flutuações no número de beneficiários a cada listagem, além de notar a presença de atores pequenos, médios e também de mulheres e indígenas nesse universo. No último capítulo da seção, Rossana Barragán revela como a política da coroa de criação de um banco para apoiar os mineiros mais abastados e favorecer a obtenção de uma maior receita com a mineração teve como efeito colateral uma grande ampliação da produção metálica de setores subalternos: os *k'jachas* e os trapiches de dentro e de fora da cidade. Ela dialoga diretamente com a tese da “renda *mitaya*” de Enrique Tandeter³ e defende que, para compreender as transformações da mineração em Potosí na segunda metade do século XVIII, é preciso introduzir na equação o papel da produção artesanal promovida por esses trabalhadores independentes, a qual foi responsável por números que flutuaram entre 50 e 60% da produção total do período.

3 TANDETER, Enrique. Trabajo forzado y trabajo libre en el Potosí colonial tardío. Buenos Aires: Estudios cedes, 1980

Na última seção, temos uma ênfase nos impactos locais, regionais e globais da produção em Potosí. Nos dois primeiros capítulos, as discussões giram em torno da grande fraude que ocorreu em meados do século XVII. No texto de Masaki Sato, é feita uma análise de como as autoridades da Audiência de Charcas reagiram a esse caso. A autora consegue detalhar como elas mantinham conexões muito próximas com a elite de Potosí, incluindo aqueles indivíduos que foram apontados como os principais culpados pela fraude, e oferece elementos que ajudam a explicar as razões para que as investigações se estendessem por tanto tempo e por resultarem em punições distintas para os acusados. Por sua vez, Kris Lane observa o enorme impacto dessa fraude nos mercados globais. A desconfiança e o pânico decorrentes da descoberta de que as moedas de Potosí estavam corrompidas provocou uma longa “ressaca” em diferentes estados. O capítulo acompanha as distintas reações de governos que faziam uso corrente do peso cunhado em Potosí e a demora para se retomar a confiança nos novos pesos, que passaram a ser ilustrados com os pilares de Hércules após o dismantelamento da fraude. Por último, Tristan Platt faz uma análise de fôlego sobre o uso do mercúrio entre os primeiros anos do século XIX e as primeiras décadas da República Boliviana. O texto contém uma série de descrições sobre as diferentes rotas pelas quais o mercúrio chegou até Potosí ao longo do período observado e está repleto de dados quantitativos acerca do consumo de mercúrio, com atenção especial para os números da chamada “correspondência” - isto é, a quantidade de prata que poderia ser refinada com uma libra de mercúrio, um número tido como a principal referência desde o período colonial para a distribuição de mercúrio por parte do governo aos produtores. A despeito das grandes transformações institucionais e políticas que se deram nas primeiras décadas do século e do surgimento de novos atores envolvidos na compra e na venda do mercúrio, Platt chama a atenção para a persistência de diversas estruturas da mineração colonial, algo que só seria interrompido a partir de 1873, quando a amalgamação começa a perder força na Bolívia.

No cômputo geral, o livro conta com excelentes artigos que refletem os variados repertórios intelectuais dos autores, um extenso trabalho de pesquisa em arquivos de diferentes países e importantes diálogos interdisciplinares. Alguns limites, porém, podem ser apontados. Para além das lacunas já esperadas em uma coletânea de artigos, por seu caráter fragmentado e o número limitado de contribuições, o esforço por repensar Potosí à luz de uma perspectiva global contrasta com a ausência de uma compreensão sistemática sobre a forma social que produz esse mundo globalizado. O capitalismo, embora um elemento considerado pelas organizadoras em sua exposição dos objetivos do livro, passa completamente ao largo das reflexões dos capítulos.

Com isso, os variados temas abordados na obra, a despeito de remeterem a discussões fundamentais para a compreensão desse sistema histórico, são analisados como se não fossem parte de uma realidade sistêmica. Desse modo, o que deveria ser a unidade de observação acaba tornando-se a unidade de análise e as estruturas próprias ao capitalismo são tomadas como algo dado e a-histórico. A projeção de categorias construídas historicamente aparece com mais força nos capítulos em que a questão da agência dos indivíduos é autonomizada, como ocorre em trechos das contribuições de Renée Raphael, Mariano Bonialian e, especialmente, no capítulo de James Almeida, quando constrói sua análise a partir da analogia com os mecanismos de mercado. Inculcar tais categorias nesse tipo de interação social é o mesmo que reeditar a noção liberal de *homo economicus*, que projeta uma racionalidade econômica típica dos agentes capitalistas como o padrão de comportamento humano em todas as épocas e contextos sociais. Ao operar dessa maneira, em vez de explicar os condicionamentos entre as lógicas sistêmicas, as estruturas sociais existentes e as ações humanas naquele período específico, opta-se por uma naturalização do capitalismo e perde-se a oportunidade de aprofundar a análise sobre Potosí enquanto um “centro do mundo global”, crucial para a emergência do capitalismo, o que consta nos objetivos declarados do livro.

Apesar desses limites, que podem ser identificados em graus diferentes a cada capítulo, a obra não perde sua relevância. A qualidade das pesquisas inéditas, o trabalho nos arquivos com amplo uso de fontes, a produção de análises aprofundadas sobre os temas, a abertura de novas agendas de pesquisa e a revisão de alguns paradigmas da historiografia tradicional sobre Potosí colonial tornam o livro uma leitura muito indicada para os historiadores da área. Como pode-se notar pela descrição dos capítulos, a obra resenhada tem o mérito de não se fechar em processos estritamente locais, e também apresenta um enfoque exclusivo nos circuitos da prata. O metal branco está sempre presente nas discussões, e não poderia ser diferente em uma obra sobre Potosí, mas outros elementos sociais e ambientais da região também aparecem com grande destaque.

Nesse sentido, os artigos tomados em seu conjunto são uma contribuição muito bem-vinda para o campo de estudos da América colonial, especialmente por reunir pesquisas que conseguem articular o local e o global, fugir de visões monolíticas sobre grupos sociais e integrar diferentes campos de estudo e áreas do conhecimento. Sua leitura, portanto, possibilita aos historiadores não apenas ter acesso aos últimos resultados das descobertas feitas por especialistas na Potosí colonial, mas também a um conjunto de conceitos e abordagens bastante promissoras, e que podem ser uma fonte de inspiração

para que novos estudos sejam realizados e consigam avançar sobre os próprios limites que encontramos nessa coletânea de artigos. Para isso, uma alternativa ainda mais interessante seria trabalhar o global não como um mero conjunto de diferentes regiões, mas como uma realidade sistêmica e aberta, aos moldes do que propôs Lefebvre, em que as partes e o todo não são estáticas e se condicionam mutuamente.⁴ Certamente não seria uma tarefa simples para qualquer pesquisador, mas ela em muito poderia contribuir para ampliar nosso conhecimento sobre Potosí, outras regiões do globo e a história desse sistema que segue a explorar as veias abertas.

Recebido em 05 de novembro de 2024

Aprovado em 05 de novembro de 2024

⁴ LEFEBVRE, Henri. La notion de totalité dans les Sciences Sociales. Cahiers Internationaux de Sociologie, v.18, p. 55-77, Jan./Juin 1955